

## Custódio Pereira de Carvalho, Hum Negociante Portuguez Em Londres – Fundador das Primeiras Escolas Públicas Gratuitas do Concelho de Lousada

Tiago Campos Pinto\*

*“He, e será sempre hum dos primeiros deveres do homem social fazer quanto podér a favor da comunidade a que pertence, e se os Portuguezes tivessem seguido esta máxima não chegarião ao estado em que se achão; porem mais vale tarde do que nunca. Esqueçamos os erros passados, perdoemo-nos e abraçemo-nos mutuamente, unamo-nos todos para nossos interesses e façamos neste sentido cada hum o que podér, que bem depressa teremos o prazer de ver feliz a família Portugueza.”*

Custódio Pereira de Carvalho, Londres 1834.

### Resumo

*Oculto propulsor de vitórias.* Na verdade, estas curtas e enigmáticas palavras são as que melhor descrevem Custódio Pereira de Carvalho. Este negociante português em Londres, assim se intitulava, foi um digno patriota, incansável liberal, honrado negociante e um obscuro benemérito. Sem querermos descurar estes importantes aspectos da sua vida, damos especial ênfase à sua veia humanitária, de cariz pedagógica e filantrópica, no que respeita à fundação das primeiras Escolas Primárias públicas gratuitas para crianças de ambos os sexos no concelho de Lousada em meados de Oitocentos. Numa altura em que assistimos à reforma da Rede Escolar, procuramos refazer o percurso desta figura entre 1778 e 1854, desde a infância à consciência da obra cumprida.

### Abstract

Occult victory propeller. In truth, these short enigmatic words are the best to describe Custódio Pereira de Carvalho. This Portuguese tradesman in London, so he called himself, was a dignifying patriot, tireless liberal, honourable tradesman and an obscure benefactor. Although we don't want to disregard these important aspects of his life, we give emphasis to his humanitarian vein, of pedagogical and philanthropic nature, concerning the first Primary fee-free public schools for children of both sexes in Lousada, in the middle eight- hundreds. At a time when we watch the reform of the schooling system, we try to redo this person's course between 1778 and 1854, from his childhood to the conscience of a fulfilled work.

---

\* Técnico superior estagiário de museologia da Câmara Municipal de Santo Tirso.

## 1. Oculto propulsor de vitórias

### 1.1. Das Terras de Sousa para o Novo Mundo

Contemporâneo de dois séculos, Custódio Pereira de Carvalho nasceu na Casa do Hospital, freguesia de Santão, concelho de Felgueiras, a 12 de Maio de 1778. Estamos na época das Grandes Revoluções, quer na Europa através da Revolução Francesa (1789), quer no continente americano, através dos movimentos independentistas. Todos os factos ocorridos ao longo do século XIX, são a prova máxima dessas mutações iniciadas no final do século anterior. A geografia política, social, económica e cultural já mais seria a mesma, era o início da época contemporânea!

Pereira de Carvalho era o oitavo dos 12 filhos de Francisco Pereira de Oliveira e de Rosa Maria de Carvalho, família de proprietários rurais e de grande prestígio no concelho de Felgueiras. Descendia por parte de seu pai, de Paulo Pereira, filho de Diogo Pereira, 2.º Conde da Feira (Freitas, 1981:374). Apesar do elevado número de filhos e seguindo as regras da época, todos os rebentos masculinos tiveram acesso aos primeiros estudos, aliada de uma forte educação católica. O seu 3.º irmão mais velho, Frei Francisco de Carvalho, nascido a 2 de Abril de 1776 na casa do Hospital da freguesia de Santão do concelho de Felgueiras, doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra em 1814, religioso de Santo Agostinho e Vice-reitor do Colégio da Graça na mesma cidade, terá desempenhado um importante papel nos primeiros passos do irmão Custódio (Freitas, 1981:374).

A segunda metade do século XVIII ficou marcada pela forte emigração, nomeadamente para o Brasil, colónia portuguesa próspera, onde as oportunidades de negócio eram uma realidade. Por esse motivo, e talvez beneficiando dos conhecimentos e contactos do seu irmão, fruto da forte implantação dos Agostinhos em terras de Vera Cruz, bem como das boas relações que a sua família gozava em toda a parte, embarcou para o Brasil em 26 de Dezembro de 1790, com 12 anos de idade.

Fixa residência na cidade da Baía onde se emprega numa casa de comércio. Desde logo revela um forte sentido de responsabilidade e de incansá-

vel trabalhador. Anos depois instala-se por conta própria numa casa de comércio, onde o negócio floresce (Sousa, 1954:1). Segue-se a compra de uma feitoria para a exploração do algodão, matéria-prima muito procurada na época, cujos lucros atingiam valores altíssimos, tendo em conta os custos de exploração e o preço de venda. É nesta altura que o muito jovem Pereira de Carvalho se dedica com grande força e vontade ao negócio da exportação de algodão, madeiras e matérias-primas várias (Sousa, 1954:1). Portugal e Inglaterra são os mercados de escoamento de eleição de quase toda a produção, realizando por essa altura as primeiras viagens de negócios àquele país, onde realiza os primeiros contactos comerciais. Na Europa vivia-se a euforia, mas também a expectativa dos movimentos revolucionários iniciados na capital francesa em 1789. A coroa portuguesa revelou-se expectante numa primeira fase, para logo depois alinhar a sua atitude pela da Inglaterra e pela da Espanha. E, enquanto afirmava uma neutralidade rigorosa em relação aos conflitos que a revolução já desencadeara, procurava convencer aqueles seus aliados, Inglaterra e Espanha, a fazerem uma tripla aliança, que era do nosso interesse, pois nos garantiria a protecção marítima da Inglaterra no Brasil e a cobertura da fronteira terrestre. A fragilidade da frota mercantil e de guerra, a crise económico-social que o país atravessava e a grande dependência económica da metrópole em relação às colónias, principalmente o Brasil, levou Portugal a multiplicar-se em tratados e acordos com Espanhóis e Ingleses na tentativa de salvaguardar o seu império colonial, bem como, em última análise, a sua independência (Saraiva, 1993: 376-380).

### 1.2. Digno Negociante e Banqueiro

No Brasil a onda revolucionária ganhou um cariz independentista. Na sequência da Inconfidência Mineira de 1789, seguiram-se anos de alguma tensão política e social. Em 1792 o Príncipe herdeiro, D. João, assume a regência, no impedimento por doença da Rainha D. Maria I. O ambiente na colónia brasileira não era o melhor, a abertura dos portos aos navios mercantes ingleses motivou intensa agitação económica e social. (Saraiva, 1993: 379-381).



**Figura 1.** Custodü Pereira de Carvalho, lusitani, effigies, depicta londini, ano domini M.DCCC.XVIII - inscrição no verso do quadro. (APVC)

É nesta conjuntura que, oito anos depois, Pereira de Carvalho regressa a Portugal, onde permanecerá até 1808, altura em que parte para Londres. Durante esse período, fixa residência em Lisboa, a capital do Império, onde apesar da distância, melhor conseguia seguir o seu negócio. Terá também sido neste período que, nas constantes viagens à

sua terra natal, se apercebe ainda melhor das dificuldades e necessidades que a sua amada pátria denotava.

Após a primeira Invasão Francesa, ocorrida em 1807, e na sequência da Convenção de Sintra, no ano seguinte, que estabeleceu tréguas de paz, o jovem Custódio parte para Inglaterra, fixando residência na cidade europeia de maior referência na época, a cosmopolita Londres<sup>1</sup> (Fig. 1).

Segundo documentos que pudemos consultar no Arquivo Particular da Casa da Ventuzela (APCV), gentilmente cedidos pela Exma. Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amélia de Sousa Pereira Teixeira de Macedo Lopes Cardoso, Senhora da Casa da Ventuzela, na freguesia de Santão, concelho de Felgueiras, os seus negócios continuavam bastante lucrativos e nessa sequência compra, entre outros, um navio de transportes chamado “Brigue Carvalho V”, passando, a partir de então a possuir uma frota mercantil própria. Instala dois Armazéns Gerais de Alfândega - Bonded Warehouses, em Londres e Liverpool. Numa exposição que fez sobre a lei que regulava os direitos alfandegários portugueses diz: “Eu posso ser também Juiz na matéria, porque sou do ofício (...)” (APCV, 1818), assumindo claramente a sua veia de comerciante e negociante (Sousa, 1954:1).

Sobre o grande serviço à Pátria e à humanidade prestado por Pereira de Carvalho em Londres, José Liberato Freire de Carvalho, ilustre liberal, jornalista e político, dá-nos, nas suas “Memórias da Vida”<sup>2</sup>, um precioso e tácito auxílio. A propósito dessa grande e sincera amizade iniciada em Londres em 1814, conta-nos o autor como tudo começou: “Depois de ter publicado no Investigador<sup>3</sup> o artigo que em cima já nomeei, passeava eu um do-

<sup>1</sup> Segundo José Liberato Freire de Carvalho, sabemos que em Dezembro de 1828 Custódio Pereira de Carvalho “(...) morava ainda na sua antiga casa, muito minha conhecida, no City Road, Alsofo’s Terrane (...)” (1982:183).

<sup>2</sup> José Liberato Freire de Carvalho dedica as sus memórias ao próprio Custódio Pereira de Carvalho: “Estas Memórias da Minha Vida oferece e dedica à memória do seu sempre constante e generoso amigo o Sr. Custódio Pereira de Carvalho falecido em 20 de Setembro de 1854 em Londres pelo que lhe deveu na vida, e na morte”. (1982:4).

<sup>3</sup> O “Investigador Português em Inglaterra” fundado pelo Dr. Bernardo José de Abrantes, publicou-se em Londres entre Junho de 1811 e Fevereiro de 1819. Era o periódico de eleição de todos os exilados políticos e adeptos da causa Liberal Portuguesa fixados em Inglaterra. O artigo a que se refere José Liberato, que chegou a ser director do jornal a partir de 1814, diz respeito a um texto publicado no referido jornal, no qual o jornalista teceu duras críticas à política externa Portuguesa, em particular aos Tratados Comerciais assinados pelos dois países nesse hiato de anos. O próprio Custódio Pereira de Carvalho chegou a escrever vários artigos que foram publicados no Investigador.

mingo pelas ruas de Londres, quando encontrando este meu amigo, veio ele até mim, e me disse: “Dê-me cá um abraço; ainda em português se não escreveu um artigo como o seu. Em verdade, é preciso não ter sangue português para não se indignar com o que se tem passado no Congresso de Viena! Não bastava ficarmos sem Olivença, e sem parte que conquistámos aos franceses no Guiana, o insultar-nos ainda com a mesquinha indemnização de dois milhões de francos, é intolerável! (...) e que belos negociadores lá temos, que tiveram mãos para assinar esta vergonha, e tiveram faces, e coração para a não sentirem!” Este foi o grande laço, que prendeu a nossa amizade, que tem durado até hoje, ano de 1854” (Carvalho, 1982:92-93).

Foi como grande comerciante e posteriormente como negociante e banqueiro, que Custódio Pereira de Carvalho fez fortuna, destas nobres actividades obteve grande honra e prestígio internacional. Este Negociante Português em Londres, assim se intitulava, era um homem inteligente, astuto, experiente, muito viajado e conhecedor da Europa desenvolvida: “Tenho em Calais uma bonita carruagem de viagem, e muito ligeira a qual comprei em Paris, e nela viajei em França, nos Países Baixos, e algumas partes da Alemanha; não a quis trazer para Inglaterra, porque me fariam aqui pagar pelos direitos de entrada tanto ou mais do que ela me custou. Assim, peço-lhe, que se sirva dela, a leve para Paris, e ma venda lá pelo preço que puder.” (Carvalho, 1982:102).

Pereira de Carvalho foi um incansável defensor dos interesses nacionais, e um dos que mais se insurgiu em Londres contra as injustiças que Portugal era alvo por parte da “Velha Aliada”. Como homem frontal que era e porque não devia nem temia, foram igualmente alvo das suas críticas os diplomatas e negociadores portugueses presentes nos Tratados Comerciais realizados entre as duas nações. São testemunho disso mesmo, os seus artigos publicados em vários jornais da época como “O Investigador Português em Inglaterra” e “A Revolução de Setembro” sob o pseudónimo “Um Negociante Português em Londres”. Ainda sob o mesmo pseudónimo elaborou uma pequena monografia em forma de comentário intitulado “Posição Em Que Se Acha Portugal Para Com A Inglaterra Segundo

Os Tratados Entre Os Dois Paizes”, no qual analisou e comentou detalhadamente todos os Tratados Comerciais realizados entre Portugal e Inglaterra, “Não se cuidem nossos Leitores que somos impellidos a entrar neste trabalho por má vontade que tenhamos aos Inglezes, ou á memória dos Portuguezes que em tais Tratados figurarão; pois antes pelo contrário desejaríamos poder fazer isto sem mencionar os seus Authores, se isso fosse praticável, não havendo povo algum a quem tanto respeitamos como os Inglezes. Tudo o que desejamos e recommendamos aos nossos Compatriotas he, que cuidem em seus interesses como os Inglezes cuidão nos delles, e nisso só os imitaremos.” (Carvalho, 1834:3,4). Ainda sobre o mesmo tema, em várias cartas critica de forma veemente os negociadores portugueses pela forma como conduziram esses mesmos tratados. Numa carta enviada ao sobrinho Custódio Rebelo de Carvalho a 26 de Novembro de 1842 refere que “Escrevi-lhe nas semana passada (...) recomendando-lhe a republicação dos meus dois folhetos; e esta é sobre o mesmo assunto (...) não basta só a sua republicação, para a instrução da nossa gente sobre a economia política, principalmente quando se observa tanta ignorância a respeito do que se passa com o tratado de 1842. Ocupam-se só de política, enquanto os nossos mais antigos aliados se aproveitam disso para usurparem tudo, inclusive a indústria fabril. Por isso julgo absolutamente necessário que se mostre à nação os lucros que ela teve e a perda que vai sofrer com a ruína da indústria fabril...e isso deve ser feito sem a mínima demora enquanto é tempo”. (APCV, 1842). Por carta com data de 3 de Março de 1843, é ainda mais duro nas críticas, em particular para com alguns dos seus compatriotas: “Pelo que pertence a políticas relativas a esse desventurado país, é tamanho o desgosto que sinto por ver malogrados os maiores esforços, incómodos e despesas de toda a minha vida – devido à ignorância de uns, maldade de outros e apatia de quase todos os nossos ilustrados – que ainda não li um único número do “Patriota” desde que ele assumiu esse nome e raríssimas vezes leio na imprensa inglesa correspondências datadas daí” (APCV, 1843).

Depois de ter recusado em 1817 o cargo de membro de uma Convenção Adicional entre Portugal e

Inglaterra, para a qual fora nomeado, justificando essa recusa com o facto de se achar na incumbência de reclamar as perdas sofridas por Portugal com os tratados de 1810 e 1815 (Sousa, 1954:2), acaba por desempenhar mais tarde um importante papel como membro da Comissão da Agência Financeira na Corte de Londres, cargo que desempenhou durante largos anos, até que se demitiu a favor do seu sobrinho Francisco Rebelo de Carvalho, a 2 de Julho de 1836 (APCV, 1836).

Foram quase 50 os anos que Pereira de Carvalho viveu em Londres. Depois de consolidar os seus negócios, e dessa forma assegurar o seu futuro, toda a sua vida foi dedicada ao serviço da sua Pátria, defendendo sempre de forma astuciosa e veemente o interesse de Portugal.<sup>4</sup>

### 1.3. Notável Patriota e Liberal

Durante os longos 46 anos que Pereira de Carvalho viveu em Inglaterra, Portugal viveu um dos períodos mais conturbados da sua história. No alvorecer do novo século, e em virtude da 1ª Invasão Francesa ocorrida em 1807, a Família Real embarca para o Brasil, onde permaneceria até 1822. Entre 1807 e 1818 o território português foi invadido e saqueado por três vezes, deixando para trás um rasto de miséria. Com a Corte ausente, Portugal encontrava-se mergulhado num pântano político, social e económico. Se no seguimento da Convenção de Sintra a paz é alcançada por um lado, por outro, o país herda uma pesada herança de dívidas intermináveis à Inglaterra, a que se seguiram acordos e tratados comerciais altamente desvantajosos para Portugal, na tentativa

de suavizar o saldo negativo da balança económica. Em 1820 é implantado o Liberalismo em Portugal. Seguiram-se anos de grande agitação e instabilidade que culminaram com a aclamação de D. Miguel como Rei de Portugal em 1828, vulgarmente conhecido por Usurpação. D. Pedro reclama a Coroa, dando início a um período de guerra civil que duraria seis longos e penosos anos, em que os Liberais acabariam por sair vitoriosos. Durante esse período armado, em que D. Miguel assumiu o trono, muitos apoiantes da causa Liberal descontentes com a situação, mas principalmente perseguidos pelos absolutistas, acabaram por fugir do país, procurando exílio político em várias nações europeias. Um dos países que mais refugiados liberais acolheu foi, sem dúvida alguma, a Inglaterra.<sup>5</sup>

Pereira de Carvalho, que residia nessa altura em Londres há já 20 anos, era um inflamado adepto da causa de D. Pedro, e desde logo se mostrou disponível para tudo que a causa Liberal necessitasse. Segundo Patrício de Sousa, o ilustre escritor e político Almeida Garret, aquando do exílio em Londres, terá tido o apoio e protecção do negociante português, tendo nascido aí uma longa amizade (1954:1). Ainda segundo o mesmo autor, o famoso e ilustre poeta romântico inglês Sir Lord Byron<sup>6</sup> terá frequentado a casa de Pereira de Carvalho beneficiando da sua protecção, provavelmente, sob a forma de mecenato, tendo feito uma viagem a Portugal nessa altura (1954:1). Também o já citado José Liberato Freire de Carvalho, encontrou em Pereira de Carvalho protecção no seu exílio referindo-se a ele desta forma: “(...) tinha sempre os olhos sobre mim, e tinha sua mão constantemente aberta para que não

<sup>4</sup> Sabemos por documentos existentes no APCV, que em 1818 já tinha delegado a seu sobrinho a gerência dos bens que possuía na Baía. Segundo Patrício de Sousa, por essa altura terá também “(...) reduzido a papeis bancários quase todos os demais (cuja soma abrangia milhares de libras) que possuía nas cidades de Londres e Liverpool (...)” (1954:2).

<sup>5</sup> “Segundo uma informação publicada em Inglaterra em Março de 1929, o número de presos políticos era de 23 190, o de pessoas escondidas de 40 000, o de assassinados e executados de 1122” (Saraiva, 1993: 381).

<sup>6</sup> George Gordon Byron, 6º Barão Byron, mais conhecido como Lord Byron nascido em Londres a 22 de Janeiro de 1788 foi um destacado poeta britânico, e uma das figuras mais influentes do Romantismo. Famoso pelas suas obras-primas, de que podemos destacar: *Childe Harold’s Pilgrimage* e *Don Juan*, é considerado um dos maiores poetas europeus de todos os tempos. A fama de Byron não se deve somente aos seus célebres escritos, também é recordado pelo seu estilo de vida, considerado extravagante e boémio. Foi acusado de encesto e perseguido pelas dívidas que contraía. Das suas inúmeras amantes, uma chegou a descrevê-lo como lougo, mau e perigoso de se conhecer. Morreu em 1824 eventualmente por febre depois de ter viajado e lutado ao lado das tropas Gregas na Guerra da Independência da Grécia, motivo pelo qual é considerado herói nacional naquele país.



**Figura 2.** Custódio Pereira de Carvalho. Retrato a óleo da Casa da Ventuzela. Londres, finais da década de 30 do século XIX. (APCV)

tivesse a mais pequena privação. Esta mão, sempre aberta, é e tem sido a do meu incontornável e raríssimo amigo Custódio Pereira de Carvalho, de Londres (...).” (1982:228). Segundo o mesmo autor, Pereira de Carvalho teve um importante e quase decisivo papel na expedição marítima Liberal, comandada por Saldanha, que saiu de Inglaterra em direcção a Portugal em 1833, “Estávamos em Novembro de 1832, quando chegou a Londres o Conde de Saldanha, que ia tratar negócios particulares. Foi logo visitar o meu bom amigo Custódio Pereira de Carvalho, que o recebeu muito bem (...)” (1982:200) (Fig. 2). Esta expedição, conhecida pelo Desembarque do Mindelo, foi decisiva para o triunfo do Liberalismo em Portugal. Sobre os seus preparativos, o autor dá-nos conta que em Novembro de 1832, “Saldanha tanto que teve notícia da portaria que obrigava todos os oficiais espalhados pela Europa a apresentarem-se o mais rápido possível na cidade do Porto, pareceu ganhar forças, e

preparou-se logo para ser dos primeiros que partissem para o Porto. O meu bom amigo Custódio Pereira de Carvalho que estava em Londres, mal teve a notícia da portaria, escreveu-me logo para Paris dizendo-me que participasse a Saldanha que era preciso que partisse sem demorar um momento, e que para a sua viagem tinha todo o dinheiro de que precisasse.” (Carvalho, 1982:201).

A expedição foi um enorme êxito, seguiu-se o famoso Cerco do Porto, no qual Liberato participou e resistiu heroicamente, juntamente com outros Liberais, a um longo e penoso ano de sucessivos ataques e bombardeamentos. Em Maio de 1834 foi assinado em Évora Monte, uma convenção que estabelecia a paz. As forças liberais que tinham saído vitoriosas foram representadas pelo Duque de Saldanha e pelo Duque da Terceira. O General Lemos representou os absolutistas, a facção derrotada. Estava consumada uma das grandes vontades deste ilustre patriota: a causa liberal tinha vingado e D. Pedro recuperava o trono.

Dotado de um sentido estratégico notável, Pereira de Carvalho estava sempre atento a qualquer movimento liberal que pudesse ocorrer noutros países. Num gesto de grande visão e de grande fervor europeu, apoiou a causa liberal em Espanha. Sabemos que o general espanhol D. Francisco Espor y Mina obteve dele, em 28 de Março de 1829 um empréstimo de 1000 libras esterlinas “em nome dos futuros governos espanhóis, prometendo-lhe ele ser o seu advogado neste negócio (...) neste empréstimo fui eu parte como testemunha; porém morreu Mina, e com a sua morte perdeu aquele empréstimo a sua melhor garantia. Contudo, para tratar desse negócio, foi o sobrinho do meu bom amigo, o Dr. Custódio Rebelo de Carvalho a Madrid, e ali consegui que o governo reconhecesse aquela dívida, e promettesse pagá-la quando pudesse; mas creio que até hoje essa promessa se não realizou (...)”<sup>7</sup> (Carvalho, 1982:192).

O triunfo liberal em Portugal encerrou um importante e notável ciclo da vida de Pereira de Carvalho. À sua mão generosa o Liberalismo muito deve!

<sup>7</sup> Por documentos existentes no APCV, sabemos que a referida dívida ainda não tinha sido liquidada pelo Governo Espanhol no ano de 1857, 3 anos depois da morte de Pereira de Carvalho.

## 2. Pioneiro do Ensino Público Gratuito

### 2.1 Vontades e adversidades

No vasto legado que nos deixou Custódio Pereira de Carvalho, está sempre presente a defesa da honra de Portugal, bem como dos seus interesses face às nações estrangeiras. Mas, se por um lado, constatamos a existência de uma visão europeia de Portugal por parte de Pereira de Carvalho, por outro, ele demonstra ao mesmo tempo uma profunda e realista visão sobre o Portugal da sua época. É sobre a melhoria e o desenvolvimento, segundo as correntes em voga pela Europa, desse Portugal profundo, que este benfeitor se vai dedicar nos últimos anos de vida.

Apesar de radicado em Londres há vários anos Pereira de Carvalho acompanhava com pormenor as necessidades da sua pátria. Através do APCV tivemos oportunidade de consultar inúmeras cartas de correspondência com familiares seus, nomeadamente com sua irmã mais velha D. Maria Caetana Pereira de Carvalho (APCV), bem como para com 3 dos seus sobrinhos, a saber: Custódio Rebelo de Carvalho (APCV); Francisco Rebelo de Carvalho (APCV) e João Oliveira de Carvalho (APCS- Arquivo Particular da Casa do Souto na freguesia de Santiago de Figueiró, concelho de Amarante).

Ciente da necessidade de promover a educação na sua terra natal, e tendo como exemplo o sistema escolar inglês, Pereira de Carvalho promoveu por sua iniciativa a criação das primeiras Escolas Primárias gratuitas na sua freguesia natal, bem como nas freguesias onde residiam todos os seus 12 sobrinhos directos. Ele sabia bem que só os filhos das famílias abastadas tinham ainda acesso aos estudos: “Em Portugal este verdadeiro elemento de riqueza pública não tem tido a consideração que merece, só os mais abastados aprendem as primeiras letras (...) há Concelhos que ocupam huma área de duas ou mais léguas e todavia só possuem hum ou dous professores de primeiras letras pagos pelo estado.”. E prossegue dizendo que “Gastam-se anualmente pouco mais ou menos 12 mil contos de reis nas despesas públicas, porém dessa soma enorme só são aplicados 300 contos para a instrucção (...)”. (Carvalho, 1849:1-5). Num pequeno folheto informativo

espalhado pelas freguesias, Pereira de Carvalho anuncia a intenção de criar escolas primárias públicas gratuitas para ambos os sexos e os motivos pelas quais elas são necessárias: “A educação é a maior riqueza que se pode possuir, porque ela, dispondo o género humano para o bom trato social, também o habilita para o exercício dos diferentes ramos da indústria e profissões; e, sendo o ensino primário a base de todos os outros ensinos, sem o qual não se pode aprender as ciências nem exercer bem qualquer profissão ou género de industria, fica evidente a vantagem que resulta de o generalizar o mais possível, para que ele chegue ao conhecimento da sociedade de todas as classes e condições sociais. Existe um distinto português que há muitos anos tem estado ausente da sua pátria, o qual, levado unicamente pelo desejo de a beneficiar, se subscreve generosamente durante a sua vida com oito mil reis anuais e impõe aos seus parentes aqui residentes a obrigação de se subscreverem também cada um com quatro mil reis anuais, para o estabelecimento de uma escola de ensino gratuito nesta freguesia, onde a mocidade de ambos os sexos aprenda a ler e a escrever e contar e tudo o mais em que os subscritores assentarem. Convindo portanto, aproveitar aquelas subscrições, é de esperar que os proprietários e homens abastados da freguesia, principalmente os que tiverem filhos ou filhas a educar contribuam segundo os seus haveres, a fim de nesta freguesia se estabelecer a mencionada escola, que sendo para todos eles de uma vantagem imediata, também interessa aos pobres que não tem meios de educar seus filhos e nisto se praticará uma obra de caridade bem aceite por Deus e pelos homens.” (1849:3-7).

Por carta enviada à sua irmã mais velha Maria Caetana em 28 de Agosto de 1849, afirma: “Desejando fazer justiça igual a todos os meus sobrinhos, mando dar mais a cada um deles e delas oitocentos mil reis, os quais, com os três mil cruzados que cada um já recebeu, perfazem cinco mil cruzados e para realizar estas minhas intenções e desejos mandei uma ordem para os ditos nossos sobrinhos Rebellos receberem no Banco do Porto esse dinheiro, mas com a condição de não darem coisa alguma a você nem a nenhum dos nossos sobrinhos que se não obrigue a promover cada um na respectiva fregue-

sia em que residir, dentro de um ano contado do dia em que esta receberem, uma escola por via de subscrições nem qual se ensine a ambos os sexos gratuitamente a ler, escrever e contar.

Sei bem que isto é uma coisa nova e que por isso há-de custar a levar a efeito, mas nada de bom se consegue neste vale de lágrimas sem se emprender, e como aí estão nossos sobrinhos Rebелos foram educados neste país e que sabem que a educação cá é tão geral que ninguém toma um criado ou criada que não saiba ler e escrever, e contar, e que todos os pobres são educados à custa dos ricos por via de subscrições voluntárias e que a espantosa riqueza e grandeza deste país são devidas principalmente à boa educação geral de todos, os ditos nossos sobrinhos contribuirão com os seus conhecimentos e educação para levar tudo ao fim que eu desejo e para facilitar o meu projecto.” (APCV, 1849).

Não deve ter sido fácil a este ilustre benemérito levar a bom porto tamanha obra. Em carta datada de 4 Agosto de 1949 ao seu sobrinho Custódio refere que estimou muito “que se não desencaminhasse a ordem do London West Minster Bank para o recebimento das duas mil e seiscentas libras, declarando a obrigação de cada um delles promover na respectiva freguesia de sua residencia dentro de doze mezes contados da data dos recibos o estabelecimento de huma Escola em cada huma das tais fregezas por meio de subscricoes onde a mocidade de ambos os sexos podem aprender gratuitamente (...) bem sei que tudo isto lhe vai dar muito trabalho, mas fará um grande serviço á humanidade e à pátria” (APCV, 1849). Ainda por carta de 23 Abril do mesmo ano refere que “(...) talvez que o folheto que lhe mandei da escola de caridade desta freguesia de “St. Mary the Bonne” lhe surgirá alguma ideia boa e não me parece convir de forma alguma que eu figure nisso senão como subscritor, pois só desejo fazer bem e não figurar. (...) “. (APCV,

1849). Pereira de Carvalho resume nestas últimas palavras o seu ideal de vida, é desta forma que ficou gravado na memória dos seus contemporâneos bem como nos seus vindouros!

## **2.2. Do sonho à realidade: Escolas Públicas e gratuitas**

Segundo as ideias e regras previamente estabelecidas por Pereira de Carvalho a partir de Inglaterra, foram criadas a partir de subscrição pública, com a excepção da escola da freguesia de Santão<sup>8</sup>, as escolas primárias de Santiago de Figueiró em Amarante, as de Caramos, Pedreira e Varziela de Felgueiras, e as de Santiago de Cernadelo e Santa Marinha de Lodares em Lousada. Este meio de subscrição pública era uma prática usual em Inglaterra, que este visionário importou e adaptou à realidade portuguesa de uma forma inteligente. (Carvalho, 1849:9,10).

Não tendo chegado até nós nenhum Regulamento ou Estatuto referente às escolas criadas no concelho de Lousada, sabemos através do Regulamento de 23 de Dezembro de 1849 da Escola de Caramos no concelho de Felgueiras, que não será muito diferente, para não dizer igual, dos restantes regulamentos das escolas vizinhas, que a instituição era destinada a crianças de ambos os sexos dos 6 aos 14 anos onde se ensinava “(...) gratuitamente a ler, escrever, contar, doutrina cristã, e maneiras de civilidade (...) bem como uma mestra que ensine as meninas a fazer meia, cozer e talhar roupas de mulher (...)” (APCV, 1849). Os mestres eram seleccionados conforme as suas capacidades, devendo ter o cadastro limpo, bem como “comprovar o bom comportamento moral, civil e religioso devidamente atestado pelo reverendo Parocho (...)” (APCV, 1849). Os rapazes entravam para a escola durante o Inverno às sete horas da manhã e saíam às dez horas. No verão o horário fazia-se uma hora mais tar-

---

<sup>8</sup> A Escola Primária pública e gratuita da freguesia de Santão, Felgueiras, de onde era natural, foi idealizada e construída directamente pelo próprio Custódio Pereira de Carvalho, não tendo delegado em nenhum familiar subscrição alguma. Foi o próprio que assumiu todas as despesas inerentes à construção e funcionamento da escola durante largos anos, acompanhando, a partir de Londres, todas as operações relativas à criação da própria Escola com o auxílio do seu sobrinho Custódio Rebelo de Carvalho. (APCV, 1847-1850).

de, havendo também aulas da parte da tarde entre as 14 horas e as 16 horas. Já as meninas tinham somente aulas de manhã durante todo o ano, num total de três horas por dia. Aos Mestres cabia o ensino sendo expressamente proibido “ (...) receberem oferendas de alguém próximo dos alunos, sob pena de serem expulsos (...)” (APCV, 1849). As subscrições eram anuais e deviam ser pagas adiantadamente e nunca deviam ser inferiores a 120 reis. De forma a manter a justiça social, o regulamento previa também que todos os habitantes das freguesias que tivessem condições para subscrever o valor mínimo, deviam fazê-lo sob pena de não puderam inscrever os seu filhos na escola. A Comissão Gestora da Escola era eleita no seio dos subscritores, num total de 12 membros. O mandato era de dois anos, sendo que as eleições seriam realizadas por escrutínio secreto entre 8 e 31 de Dezembro. O cargo de presidente era automaticamente atribuído ao Pároco da respectiva freguesia, devendo ser ele que, juntamente com os restantes membros da comissão, seriam os responsáveis pela convocação e elaboração de todo o processo eleitoral.

Como referimos anteriormente, o concelho de Lousada não escapou à dávida generosa de Pereira de Carvalho. Santa Marinha de Lodares e Santiago de Cernadelo foram alvo de especial atenção por parte deste ilustre benemérito, cujos sobrinhos aí residiam.

No APCV tivemos acesso a diversa documentação relativa à criação das Escolas, onde podemos destacar a inúmera correspondência, minutas, documentos bancários e apontamentos elaborados e redigidos pelo próprio Custódio Pereira de Carvalho a partir de Londres. Nesse vasto e precioso espólio estão compilados inúmeros Recibos de pagamento comprovativos da entrega de dinheiro aos referidos sobrinhos, para que dessa forma eles pudessem promover através de subscrições, cada um, uma Escola na freguesia onde residissem.

Através desses recibos podemos delimitar cro-

nologicamente a data aproximada da criação das Escolas nas freguesias de Santa Marinha de Lodares e Santiago de Cernadelo, que se situará entre 1850/51. Dos três recibos que encontramos referentes a cada uma das Freguesias, dois deles fazem referência à obrigação de “(...) promover nesta minha Freguesia dentro de um ano da data deste, o estabelecimento de huma Escola de ensino Primário e gratuito da mocidade de ambos os sexos por meio de subscrições (...)”. (APCV, 1849). O donativo que Pereira de Carvalho deu a cada sobrinho, numa primeira fase, cerca de 800 mil reis, destinava-se claramente à fundação das escolas, ao nível da compra do terreno para a instalação da unidade de ensino, a própria construção da escola, contratação de professores e aquisição de manuais, restando quase de certeza larga quantia de sobra para o pagamento da subscrição anual que os estatutos exigiam.

### 2.2.1. Escola de Lodares

Dos três recibos que possuímos respeitantes à freguesia de Lodares, dois deles são assinados individualmente pelas sobrinhas D. Joana e D. Rosa Pereira de Carvalho, sendo que o que resta é assinado pelo Tesoureiro da Comissão da Escola.

A 25 de Agosto de 1849, D. Joana Rita Pereira de Carvalho, nascida a 10- 08- 1805 em Lodares, onde faleceu a 15- 12- 1891, assina um recibo no qual confirma a doação de 800 mil reis de seu tio para a criação de uma Escola na Freguesia de Lodares, na qual vivia, na Casa do Outeiro, com o seu marido Manuel Pereira de Meireles, senhor da mesma casa, com quem casou a 1- 11- 1891, de quem teve 9 filhos (Freitas, 1981:426). D. Joana era uma das 5 filhas de D. Ana Joaquina Pereira de Carvalho, 2 irmã de Custódio, e de António José Alves de Oliveira da Casa de Vilar, na mesma Freguesia de Lodares (Freitas, 1981:373).

Para uma melhor percepção do conteúdo do documento segue-se a transcrição do mesmo<sup>9</sup>: “Rece-

<sup>9</sup> Vamos só proceder à transcrição deste recibo tendo em conta que os outros recibos que possuímos, quatro ao todo, são exactamente iguais ao transcrito, variando apenas o nome do assinante do respectivo recibo. A sua escolha deve-se ao facto do seu razoável estado de conservação.

bi do meu Thio o Sr. Custódio Pereira de Carvalho por mão do meu primo Custódio Rebelo de Carvalho, a quantia de oito centos mil reis em metal, que o dito meu Thio me dá de presente gratuitamente para meu uso, e de meus legítimos herdeiros e sucessores descententes dos falecidos Pai e Mãe do mesmo meu Thio, cuja quantia hé por saldo dos fundos que gentilmente propoz vender, e repartir sem proucto por seus sobrinhos e sobrinhas; e por afim ser por elle exigido obrigo-me a promover nesta minha Freguesia de Santa Marinha de Lodaes dentro de um ano da data deste o estabelecimento de hua Escola de ensino primário e gratuito para a mocidade de ambos os sexos por meio de subscrições, em cujo numero entrarei eu annualmente com a quantia de quatro mil reis em metal pulo menos, pertencendo a estes subscitores designar os elementos ou matérias que devão ensinar na referida Escola. Outro sim me obrigo no cazo que esta se não estabeleça cá dentro daquelle

período pela forma que ficou dita a restituição ao mencionado meu Thio, ou aquém elle ordenar a supra citada quantia de oito centos mil reis em metal. E para clareza passo dous recibos do mesmo thior e data.

Casa do Outeiro Freguesia de Santa Marinha de Lodaes

25 de Agosto de 1849

Joana Rita Pereira de Carvalho” (Fig. 3)

Como vimos anteriormente, residia também na mesma freguesia de Santa Marinha de Lodaes, Rosa Rita de Carvalho que era filha da irmã mais velha de Custódio, D. Maria Caetana Pereira de Carvalho e de seu marido, Francisco José Teixeira Rebelo da Casa do Monte, em Santiago de Figueiró concelho de Amarante. Em 1819 casa com José Caetano Coelho, senhor da Casa da Juía, em Lodaes, cujos filhos a venderiam mais tarde. Desses 7 filhos nenhum teve descendência que se conheça

(Freitas, 1981:376). Também esta sobrinha foi contemplada igualmente por seu tio com a doação de 800 mil reis pela obrigação da criação de uma Escola na dita freguesia de Lodaes por recibo passado com a data de 30 de Agosto de 1849. (APCV, 1849).

Também referente ainda à mesma freguesia foi passado um Recibo com a data de 27 de Maio de 1850 assinado pelo Tesoureiro da Comissão da Escola, José Caetano Coelho, referente ao pagamento da subscrição, de oito mil reis, relativa ao ano de 1850 feito pelo próprio Custódio Pereira de Carvalho.

### 2.2.2. Escola de Cernadelo

Relativamente à Freguesia de Santiago de Cernadelo, possuímos recibos com data de 25 de Agosto de 1849, assinado pela sobrinha Delfina Rosa de Carvalho, e de 26 de Agosto desse mesmo ano, assinado pela irmã Rosa Maria de Carvalho, filha e mãe respectivamente, onde cada uma recebeu a importância 800 mil reis pela obrigação da criação de uma Escola na dita Freguesia (APCV, 1849).

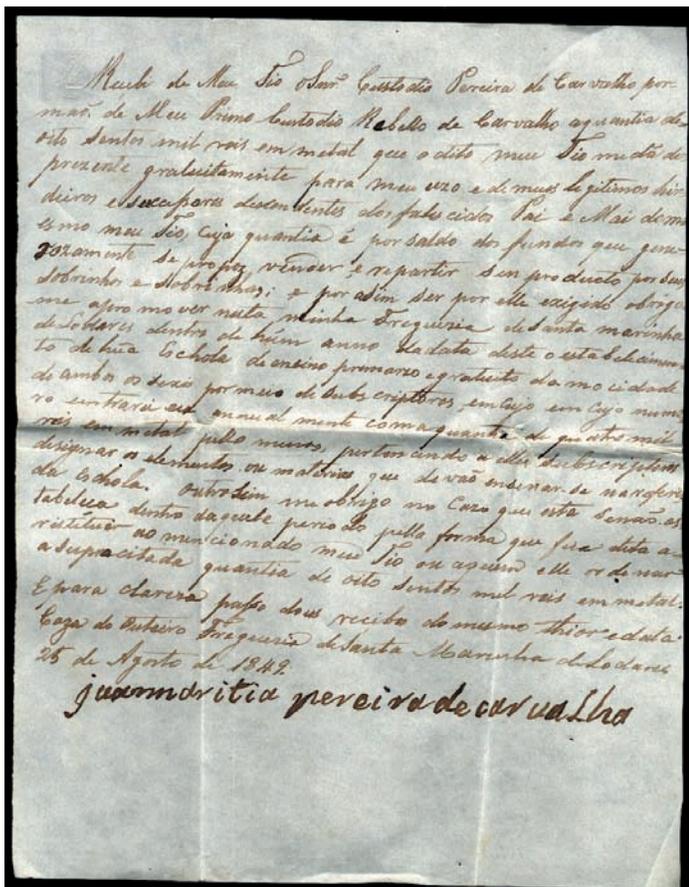


Figura 3. Recibo passado por Joana Pereira de Carvalho, da Casa do Outeiro, Lodaes, ao seu tio Custódio. (APVC, 30.8.1849)

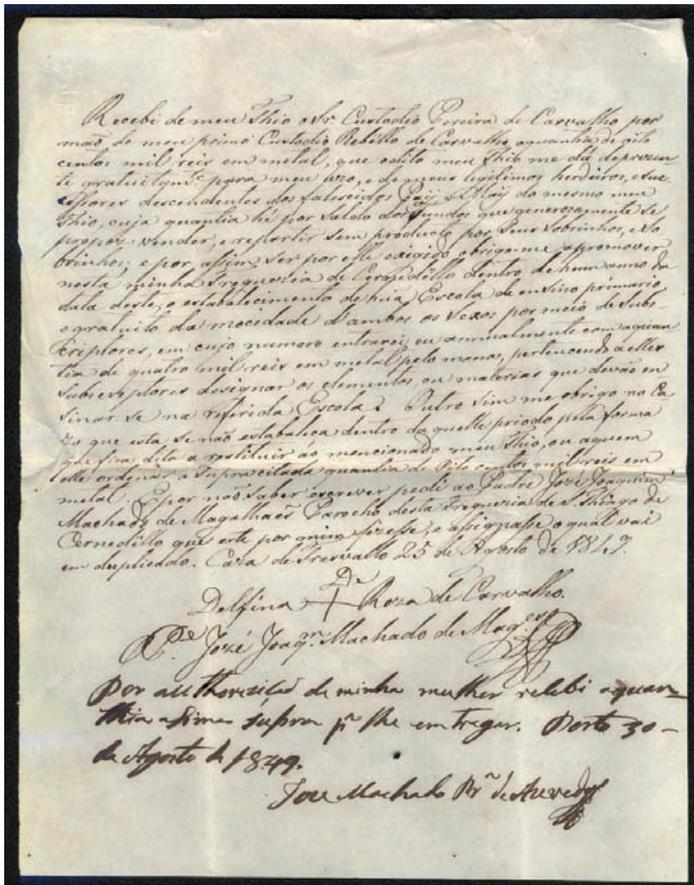


Figura 4. Recibo passado por Delfina Rosa de Carvalho, da Casa do Tresvale, Cernadelo, ao seu tio Custódio. (APCV, 25.8.1849)

D. Delfina, filha de D. Rosa Maria de Jesus Pereira de Carvalho e de Francisco António de Miranda Barbosa, Senhor da Casa do Casal em Vilar do Torno, nasceu em Cernadelo a 30 de Junho de 1805, onde casou em 1822 com José Machado Pereira de Azevedo, Senhor da Casa do Tresvale. Dos três filhos que nasceram desse casamento, D. Joaquina Emília de Azevedo Machado, sucede na referida Casa com geração (Freitas, 1981:374) (Fig. 4).

Como referimos anteriormente, residia também em Cernadelo a terceira irmã mais velha de Custódio, D. Rosa Maria Jesus Pereira de Carvalho, já citada anteriormente. Nasceu na casa do Hospital em 1766, casa 34 anos depois com Francisco António de Miranda Barbosa, senhor da Casa do Casal em Vilar do Torno, Lousada. Dos três filhos que tiveram só D. Delfina Rosa de Carvalho obteve descendência, já citada anteriormente (Freitas, 1981:373,374). Este foi o único caso que conhece-

mos em que uma irmã do próprio Custódio foi contemplada com a referida doação para a construção de uma Escola, tendo em conta que nos restantes casos os recebedores eram todos sobrinhos e sobrinhas de Custódio Pereira de Carvalho.

Ainda referente à mesma freguesia foi passado um Recibo com a data de 9 de Maio de 1850 assinado pelo Tesoureiro da Comissão da Escola, José Machado, referente ao pagamento da subscrição, de oito mil reis, relativa ao ano de 1850 feito pelo próprio Custódio Pereira de Carvalho.

### 2.3. Longe da amada Pátria suspirou

Com a fundação das oito Escolas Públicas e Gratuitas, Custódio Pereira de Carvalho concretizava um dos seus sonhos! Ao longo da sua longa vida encontrou inúmeras dificuldades e bateuse com galhardia com os infortúnios que lhe surgiram, vencendo com humildade e elevação todos os obstáculos. Quando com 12 anos de idade partiu para o Brasil, não sabia o que o futuro

lhe reservava, mas levava consigo uma enorme vontade de triunfar e de estender a sua humilde mão aos mais necessitados. Quando começou a idealizar a criação de Escolas de ensino gratuito nas freguesias onde residissem os sobrinhos e sobrinhas, Custódio contava 50 anos de idade. Para a época não seria um homem novo naturalmente, mas também não podia ser considerado alguém muito velho, preferimos dizer que seria um homem maduro e experiente, mas muito cansado pelas vicissitudes da vida. Por cartas enviadas aos seus sobrinhos, Custódio Rebelo de Carvalho (APCV, 1848- 1854), Francisco Rebelo de Carvalho (APCV, 1848- 1854) e João Oliveira de Carvalho (APCS, 1848- 1854) respectivamente, Pereira de Carvalho revela que sofria de “(...) males tremendos (...) que lhe provocavam (...) forte tosse com escarro de sangue(...)” (APCV, 1848). Foram 6 longos e agoniantes anos de sofrimento. que aca-



Figura 5. Epitáfio de Custódio Pereira de Carvalho.

bariam por terminar a 20 de Setembro de 1854, na cidade de Londres (Fig. 5).

Como em quase todos os casos, o desaparecimento de algum ente querido arrasta consigo um sentimento de injustiça. Segundo Patrício de Sousa,



Figura 6 – Jazigo de Custódio Pereira de Carvalho, junto à Igreja Matriz de Santão.

referindo-se a Pereira de Carvalho, “Nem sempre o justo encontra a morte quieta que lhe pertence.” (Sousa, 1954:6). O que é certo é que Pereira de Carvalho, bem merecia um final de vida mais amigável... Com menos sofrimento! “A morte de um grande acaba quase sempre num vazio de inquietação que parece vencer quem na vida tem vencido.” (1954:6).

Só no dia 27 de Novembro de 1855, o corpo de Custódio estava presente na Igreja de Santão onde foi recebido pela família e sufragado por 102 eclesiásticos (1954:6), e conduzido com solenidade e pompa ao Jazigo que mandou construir expres-

samente para o efeito. João Oliveira de Carvalho, sobrinho directo, acompanhou-o nos últimos anos de vida, além de seu testamenteiro tratou de todos os procedimentos burocráticos respeitantes à transladação do seu corpo de Londres até à sua querida terra natal, Santão (APCV, 1848-1852). (Fig. 6)

A personalidade de Custódio Pereira de Carvalho apesar de ser perfeitamente enquadrada na sua época, e daí poder ser considerado em muitos aspectos um homem do seu tempo, demonstra também que foi um homem que viu longe e viu bem. É difícil definir esta bondosa e ilustre personagem, desde imigrante, comerciante, negociante e banqueiro a liberal, patriota, filantropo e benemérito, de facto de tudo foi um pouco. Também seus pais, irmãos e sobrinhos mereceram minuciosa e exaustiva atenção ao longo de toda a sua vida, todos eles sem excepção, não foram esquecidos em tempo algum por Pereira de Carvalho! Trabalhou e lutou muito em conjunturas desfavoráveis e ambientes adversos, mas foi na retaguarda, onde obteve inúmeras vitórias e deu preciosos contributos às causas que se batia, que mais se destacou levando consigo até à morte o seu ideal de vida: “ (...) pois só desejo fazer bem e não figurar (...) “. (APCV, 1849). Deu muito à sua amada pátria, engrandeceu sua família e ajudou todos aqueles que o procuravam, sem

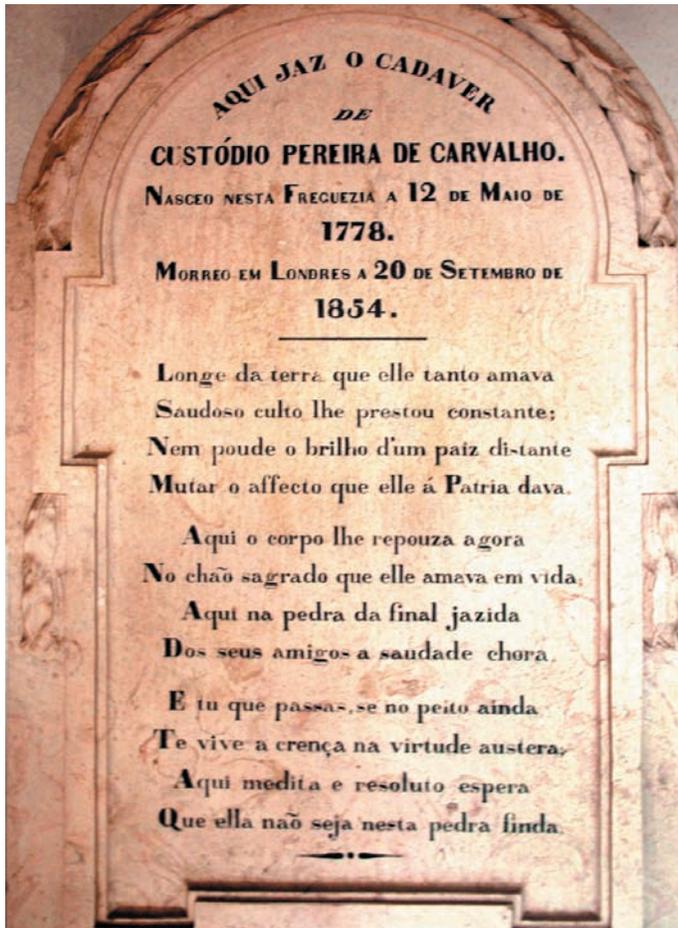


Figura 7. Lápide do Jazigo.

nunca em tempo algum ter pedido o quer que fosse em troca! Na parte que nos toca e como seu parente, faça-lhe a devida e justa vénia perante tanta magnificência! Custódio Pereira de Carvalho encontrou ao longo da sua vida vários e difíceis obstáculos, que apesar de grande parte deles terem sido superados com mestria e elevação, deixaram marcas profundas, bem evidentes nas últimas vontades cujos versos escreveu para serem colocados na sua última morada:<sup>10</sup> (Fig. 7).

*“Longe da terra que elle tanto amava,  
Saudoso culto lhe prestou constante;  
Nem poudes o brilho d’um país distante  
Matar o affecto que elle à Pátria dava.*

*Aqui o corpo lhe repouza agora,  
No chão sagrado que elle amava em vida  
Aqui na pedra da final jazida  
Dos seus amigos a saudade chora*

*E tu que passas, se no peito ainda  
Te vive a crença na virtude austera,  
Aqui medita e resolutos espera  
Que ella não seja nesta pedra finda”*

<sup>10</sup> Custódio Pereira de Carvalho está sepultado num Jazigo que mandou construir expressamente para o efeito junto à histórica Igreja Românica de Santão, concelho de Felgueiras, onde estão inscritos os referidos versos.

## Bibliografia

### Fontes manuscritas

APCV\_ Arquivo Particular da Casa da Ventuzela, em Felgueiras.

APCS\_ Arquivo Particular da Casa do Souto, em Amarante.

### Fontes documentais impressas

CARVALHO, J. L. F. (1982) - *Memórias da Vida*. 2ª Edição. Lisboa: Assírio e Alvim.

CARVALHO, C. P. de (1834) - *Posição em que se acha Portugal para com a Inglaterra segundo os tratados entre os dois paizes*. Lisboa: Typografia de Felipe Nery.

CARVALHO, C. P. de (1849) – *Intrucção Primária*. Porto: Typographia Nacional.

### Fontes impressas

SOUSA, P. de (Pseudónimo de M. Antonino Fernandes) (1954) - *Em Homenagem a Custódio Pereira de Carvalho, Ilustre Filho de Felgueiras, no Centenário de Sua Morte*. In *Notícias de Felgueiras*. Felgueiras: Ano XX, nº 1006, 30 de Setembro.

FREITAS, E. A. C., *et.al.* (1981) - *Carvalhos de Basto, A Descendência de Martim Pires de Carvalho, Cavaleiro de Basto*. Volume III. Porto: Carvalhos de Basto.

SARAIVA, J. H. (1993) - *História de Portugal*. Lisboa: Alfa.